

Revista de Literatura, História  
e Memória



Seção: Pesquisa em Letras no contexto  
Latino-americano e Literatura, Ensino e  
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 17 - Nº 29 - 2021

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 286-304

UMA LEITURA ESPINOSISTA DE *O CÃO SEM  
PLUMAS*, DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

A espinosist reading of *O cão sem plumas*, by João  
Cabral de Melo Neto

Ana Paula Silva Santos<sup>1</sup>  
Anderson Claytom Ferreira Brettas<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho objetiva analisar o poema *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto (1994), tendo em vista as conceituações do filósofo Espinosa, expostas em uma de suas principais obras - *Ética* (2009) -, bem como as análises de Gilles Deleuze (2002), fundamentadas no livro *Espinosa: filosofia prática*. Para tanto, elegemos os seguintes objetivos específicos: evidenciar, na perspectiva das afecções, a possível relação de

decomposição desencadeada às margens do rio-personagem descrito no poema, assim como caracterizar o modo de vida denunciado nos versos apresentados, por meio do enfoque das paixões e de suas relações com a *imagem-palavra rio*. Dessa forma, este estudo segue, de acordo com Chizzotti (2005) e Bardin (1977), os parâmetros da pesquisa qualitativa ao aplicar a Análise de Conteúdo como ferramenta de análise. Além disso, apropria-se dos fundamentos da Literatura Comparada (CARVALHAL, 2006), aliando discussões filosóficas a abordagens literárias. Em síntese, há, nesta composição acadêmica, a apresentação das figurações existentes no texto de João Cabral relacionadas às formulações espinosistas sobre o padecimento do(s) corpo(s).

**PALAVRAS-CHAVE:** Afecções; Decomposição, *Imagem-palavra rio*; Padecimento; Paixões.

**ABSTRACT:** The present study aims at analyzing the poem *O cão sem plumas* (“The featherless dog”), by João Cabral de Melo Neto (1994), in view of the philosopher Espinosa, exposed in one of his main works - *Ethics* (2009) - as well as the analyzes of Gilles Deleuze (2002), based on the book *Espinosa: practical philosophy*. For that purpose, we have chosen the following specific objectives: highlight, in the perspective of the affections, the possible decomposition relationship triggered on the banks of the character-river described in the poem, as well as characterize the way of life denounced in verses presented through the focus of passions and its relations with the image-word river. Thus, this study follows, according to Chizzotti (2005) and Bardin (1977), the parameters of the qualitative research when applying Content Analysis as an analysis tool. In addition, it appropriates the foundations of Comparative Literature (CARVALHAL, 2006), combining philosophical debates to literary approaches. In short, there is, in this academic composition, the presentation of the figurations existing in *João Cabral's text* related to the formulations about the suffering of the body (ies).

**KEYWORDS:** Affections; Decomposition; Word-image river; Suffering; Passions.

<sup>1</sup> Aluna do Mestrado Profissional em Educação Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro – IFTM – *Campus* Uberaba. Especialista em Crítica Literária e Ensino de Literatura pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM e Graduada em Letras – Português/Inglês e Português/Espanhol – pelas Faculdades Associadas de Uberaba - FAZU.

<sup>2</sup> Professor do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) na área de Educação, com atuação no programa de pós-graduação em Educação, mestrado profissional em Educação Tecnológica. Graduado em Ciências Sociais e História (UFMG); mestrado e doutorado em Educação (UFU); pós-doutor em História da América (PUC-SP) e História Econômica (Universidad del Magdalena, Colômbia).

## INTRODUÇÃO

O filósofo Baruch de Espinosa, em sua obra *Ética* (2009), apresenta, ao modo dos geômetras, várias demonstrações, axiomas, proposições, escólios, corolários. A intenção dessa apresentação parece-nos, de modo geral, ter raízes em sua crítica ao cartesianismo – método arraigado à supervalorização da razão e ao rebaixamento do corpo –, culminando, conseqüentemente, na elaboração de uma proposta de liberação do indivíduo enquanto singularidade.

Nessa obra, percebemos que o filósofo toma distância da ideia de Deus enquanto representatividade de estudos teológicos advindos de preceitos judaico-cristãos, ao configurar tal ideia como sinônimo de natureza, isto é, a substância da qual se originam todas as demais. Deus/Natureza, para Espinosa (2009), é causa em si mesma, formada por uma infinidade de atributos.

A partir desse posicionamento, o homem, em Espinosa (2009), passa a ser visto não como o centro de todas as coisas, mas como mais um modo oriundo dessa mesma substância, composto por extensão (corpo) e pensamento, sendo o retrato de suas modificações. Por isso, devemos ter em mente que a proposição espinosista não busca acentuar o recorte dualista articulado por Descartes (*res cogitans x res extensa*), pois acaba por demonstrar, na verdade, a coesão existente entre o corpo e a alma, ao evocar a necessidade de serem analisados os efeitos que perpassam nossas relações e como somos afetados por cada uma delas. Assumindo o tom de uma filosofia prática, Espinosa (2009), na *Ética*, passa a problematizar o que pode um corpo.

Dessa maneira, levando em consideração esse determinismo da existência, apanhado nas entrelinhas das conceituações sobre Deus, Espinosa (2009) aponta-nos que o que acontece no mundo tem sua origem numa necessidade, de modo a suscitar o pensamento da ilusão do livre-arbítrio, segundo o qual nós nos iludimos sobre as nossas possibilidades de escolha, já que tudo o que acontece faz parte de um encadeamento de acontecimentos não controláveis.

Pensando nessa impossibilidade de controle e previsão, o filósofo enfatiza a importância das experiências vivenciadas com o corpo e a partir dele. Essa concepção foi elucidada por Deleuze ao analisar passagens da obra *Ética*:

Espinosa propõe aos filósofos um novo modelo: o corpo. Propõe-lhe instituir o corpo como modelo: “Não sabemos o que pode um corpo...”. Esta declaração de ignorância é uma provocação: falamos da consciência e de seus decretos, da vontade e de seus efeitos, dos mil meios de mover o corpo,

de dominar o corpo e as paixões – mas nós nem sequer sabemos de que é capaz um corpo. Porque não o sabemos, tagarelamos. Como diria Nietzsche, espantamo-nos diante da consciência, mas “o que surpreende é, acima de tudo, o corpo...” (DELEUZE, 2002, p. 23-24).

Considerando, então, o modelo mencionado, que evidencia a problemática do corpo, tomamos por base a análise das proposições da terceira e da quarta parte do livro *Ética* (2009), cujas definições incitam uma reflexão acerca da origem e da natureza dos afetos, da força neles apresentada e da servidão humana, no que diz respeito às relações existentes no mundo, aos encontros de um corpo com outro(s) corpo(s).

Esse viés analítico surgiu da necessidade de caracterização da relação dos homens descritos no poema *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto, com o rio Capibaribe, que parece representar o mundo em que são inseridos, local em que atuam – ou melhor dizendo – em que sobrevivem.

Do mesmo modo que Espinosa faz uso do aspecto geométrico-matemático na construção de seu pensamento, a fim de proporcionar distinção e clareza à sua composição, o poeta modernista João Cabral de Melo Neto, integrante da Terceira Geração Modernista da literatura brasileira, assumiu um estilo caracterizado tanto pela poesia construtiva - em que a materialidade da palavra, o pensar sobre o ofício que é escrever, sobre a metalinguagem da feitura da poesia ganharam destaque - quanto pela poesia participativa, ou seja, a poesia social, a poesia que retratou a fome, a miséria, as diferenças sociais no cenário nordestino.

Sendo assim, a correlação descrita entre a postura teórica espinosista, amparada pela racionalidade, pela conduta geometrizada de analisar os seres no mundo, e o modo composicional do pernambucano João Cabral fundamenta-se, basicamente, na ideia de que as particularidades dos seres considerados geométricos são, em sua própria abstração, objetos de medida e deles é possível extrair uma causa, o que, de acordo com Espinosa, se mostra diferente nos outros seres considerados de razão, geralmente influenciados pela ignorância das próprias verdades (DELEUZE, 2002).

Dessa forma, sobre a métrica, a seca, a calculada, a tão laboriosamente trabalhada expressão poética de João Cabral de Melo Neto, Villaça expõe que:

O salto de Cabral --- original e definitivo --- estará na efetivação de um estilo que repele toda confissão ou pieguismo; estará na construção de uma matéria poética que se quer imune à oscilação e à angústia, qualificada por um máximo de autonomia e resistente a qualquer ameaça de desequilíbrio. (VILLAÇA, 2003, p. 146-147).

Essa característica ressaltada por Villaça (2003) advém do pensamento de que a obra cabralina foi arquitetada por meio de um ideal antimusical e antilírico. Na verdade, propomos a análise de que o poeta estruturou sua escrita, pautado na não subjetividade, no não lirismo, na não inspiração, isto é, em conformidade com a síntese, com a proporção, com a precisão, com a limitação, oferecendo, assim, um equilíbrio lógico aos seus versos e às reverberações imagéticas neles apresentadas, com vistas à exposição do drama próprio à construção poética, à elaboração que envolve a palavra.

Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar o poema *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto (1994), tendo em vista as conceituações do filósofo Espinosa, expostas na obra *Ética* (2009), bem como as análises de Gilles Deleuze (2002), fundamentadas no livro *Espinosa: filosofia prática*. Para tanto, os objetivos específicos elencados destinaram-se a: (i) evidenciar, na perspectiva das afecções, a possível relação de decomposição desencadeada às margens do *rio-personagem* descrito no poema; (ii) caracterizar o modo de vida denunciado nos versos apresentados, por meio do enfoque das paixões evidenciadas e de suas relações com a *imagem-palavra rio*.

Este trabalho foi configurado nos parâmetros da pesquisa qualitativa e utiliza, para isso, a Análise de Conteúdo como ferramenta de análise, segundo os dizeres de Chizzotti (2005) e Bardin (1977). Ao utilizarmos conceitos provenientes da filosofia e da literatura, evidenciamos a pertinência da Literatura Comparada que, segundo Carvalhal (2006), admite a construção teórica baseada no estabelecimento de relações entre os aspectos literários e as diferentes áreas do conhecimento.

## UM RIO (DE)COMPOSTO POR HOMENS EM DECOMPOSIÇÃO

O poema *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto (1994), entrou para o cenário da crítica literária em meados da década de cinquenta do século XX. Em relação aos seus versos, podemos perceber, de modo geral, que Cabral evidenciou a desigualdade, a miséria, a fome, presentes no cenário nordestino, especificamente na região pernambucana. Isso a partir da materialidade da composição, da coisificação da palavra, da elaboração de imagens representativas do universo do vivido e da atitude de experimentação referente à linguagem.

Para o estudioso da obra cabralina Antonio Carlos Secchin (1999), a laboriosidade da arte da palavra, na obra *O cão sem plumas*, estabelece um vínculo bem sedimentado entre o

“discurso poético” e o “espaço referencial”, pois: “[...] o curso do rio Capibaribe (“o cão sem plumas”) será representado por um discurso que buscará na forma do objeto-rio o modelo de sua enunciação” (SECCHIN, 1999, p. 71).

Para tanto, ao denunciar a realidade nordestina, Cabral apropriou-se das críticas social e histórica, de modo a alicerçá-las nas experiências evocadas nos versos dessa obra, bem como em outras de suas composições poéticas, como o poema *O rio*. Esse contexto de produção levou-nos à análise suscitada pelo objetivo de aclarar, na perspectiva das afecções, a possível relação de decomposição desencadeada às margens do *rio-personagem* descrito no mencionado poema.

Dentre as proposições expostas na terceira parte do livro *Ética* (2009), intitulada “A origem e a natureza dos afetos”, existe uma que expressa a noção de que o corpo é afetado pelo mundo, já que se relaciona com outros corpos. A partir desse pensamento, Espinosa postula que “o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor” (SPINOZA, 2009, p. 99).

Posto isto, ao analisar o poema *O cão sem plumas*, a ideia primeira que se tem a partir da leitura dos versos é a de que a potência daqueles que vivem nas margens do rio Capibaribe mostra-se, constantemente, diminuída. O início do poema se dá com a apresentação desse rio e com a conseqüente apresentação dos homens considerados *cães sem plumas*:

Aquele rio  
era como um cão sem plumas.  
nada sabia da chuva azul,  
da fonte cor-de-rosa,  
da água do copo de água,  
da água de cântaro,  
dos peixes de água,  
da brisa na água.  
(NETO, 1994, p. 105).

Como o rio  
aqueles homens  
são como cães sem plumas  
(um cão sem plumas  
é mais  
que um cão saqueado;  
é mais que um cão assassinado.  
(NETO, 1994, p. 108).

Como o próprio título do poema demonstra, ser *cão sem plumas* revela degradação,

diminuição da potência de agir. A imagem daquele que é mais que saqueado, mais que assassinado parece denotar um sentido de extrema falta de perspectiva humana. Sem as plumas, ou mesmo sem as pelagens, resta apenas uma vulnerabilidade aguda e dilacerante na paisagem descrita: *“O que vive fere. / O homem, / porque vive / choca com o que vive.”* (NETO, 1994, p. 114).

Submetidos à ilusão do livre-arbítrio, os homens sem plumas seguem rio adentro, rio afora, ressentindo-se em suas experiências, entregues às suas paixões tristes, já que: *“Estes / secam / ainda mais além / de sua calíça extrema / ainda mais além / de sua palha / [...] da camisa que não têm / muito mais além do nome / mesmo escrito na folha / do papel mais seco”* (NETO, 1994, p. 109).

Essa degradação da existência dos homens, no poema retratado, articula-se com o raciocínio de Deleuze (2002) que argumenta sobre as consequências de tais paixões tristes:

Sejam elas quais forem, justifiquem-se como se justificarem, representam o grau mais baixo de nossa potência: o momento em que estamos separados ao máximo de nossa potência de agir, altamente alienados, entregues aos fantasmas da superstição e às mistificações do tirano. (DELEUZE, 2002, p. 34).

A singularidade humana parece não encontrar reflexo nas águas lodosas do Capibaribe. O rio afeta os corpos dos homens, suas águas, espessas em lama, diminuem suas potências. Paralelamente, esses homens afetam o rio, condenando-o a pontos de inatividade. Na lama, no lodo, a inércia do mangue não cria outras possibilidades, encarcera:

Como às vezes  
passa com os cães,  
parecia o rio estagnar-se.  
Suas águas fluíam então  
mais densas e mornas;  
fluíam com as ondas  
densas e mornas  
de uma cobra.  
(NETO, 1994, p. 106).

Ele tinha algo, então,  
de estagnação de um louco.  
Algo da estagnação  
do hospital, da penitenciária, dos asilos,  
da vida suja e abafada  
(de roupa suja e abafada)  
por onde se veio arrastando.  
(NETO, 1994, p. 107).

Assimilada na escassez de movimentação, na dificuldade em fluir, na imobilidade causada pelas águas densas e mornas, a decomposição dos homens e da vida que compõem, paradoxalmente, o percurso do rio Capibaribe passa a revelar um fluir pesado, mais propenso ao repouso, daqueles – doentes, prisioneiros, internos - que não conseguem vivenciar as alegrias provenientes de suas próprias águas, provenientes da cidade que os cerca, provenientes de outros corpos que nele se encontram: “*os homens plantados na lama; / de casas de lama / coaguladas na lama.*” (NETO, 1994, p. 108).

Eles são o produto de uma condição de precariedade e de vulnerabilidade social, representam um problema coletivo e, nesse sentido, seus corpos ganham a estagnação da miséria, da alienação. Essa caracterização é construída, poeticamente, pela metáfora da marginalização inscrita no reflexo das águas lamacentas, das águas que espelham uma sociedade doente. Os dizeres de Secchin (1999) reiteram essa proposição analítica, ao sugerirem que “a apreensão do rio passa pela exclusão do seu oposto. [...] são rejeitados os valores que carregam noções de clareza, cristalinidade e leveza” (SECCHIN, 1999, p. 72).

Deleuze, ao analisar as proposições da obra *Ética* (2009), ressalta:

Objeta-se que, de qualquer forma, existe ao mesmo tempo composição e decomposição, decomposição de algumas relações e composições de outras. Mas o que conta é saber se o ato é associado à imagem de uma coisa enquanto componível com ele, ou, ao contrário *enquanto* decomposto por ele. (DELEUZE, 2002, p. 42-43).

Como servos da própria realidade, esses homens em decomposição incitam a ideia de que são destinados ao pior: *Porque é na água do rio / que eles se perdem / (lentamente e sem dente) / Ali se perdem / [...] como se perde a água derramada: / sem o dente seco / com que de repente / num homem se rompe / o fio de homem*” (NETO, 1994, p. 109-110).

João Cabral de Melo Neto, a partir de uma composição lógica e de uma elaboração concreta, chega a representar um caráter plástico da realidade, quando elucida, no jogo imagético dos versos do poema *O cão sem plumas*, a “impotência” e a “infecundidade”, fazendo referência à “contínua analogia entre o modelo de representação do Capibaribe e o espaço de penúria social que o cerca” (SECCHIN, 1999, p. 73). A partir desse trabalho de burilamento com a palavra acaba por salientar o que Espinosa, na quarta parte do livro *Ética* (2009), define como servidão humana:

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob o seu próprio comando,

mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior. (SPINOZA<sup>3</sup>, 2009, p. 155).

Para esse filósofo, as afecções, as imagens ou ideias são passagens experienciadas com durações variáveis que nos induzem a diferentes estados, ou seja, “essas variações contínuas são chamadas de ‘afetos’, ou sentimentos (*affectus*)” (DELEUZE, 2002, p. 55).

Os homens do Capibaribe, retratados por Cabral, estão submetidos a uma espécie de tirania da realidade pernambucana, o que provoca uma variabilidade de estados de lama, sendo, em verdade, todos eles traduzidos pela estagnação, pela não fluidez. Na cupidez de uma espantosa disparidade social, são forjados, em cenário nordestino, os *cães sem plumas*, aqueles que não compreendem, apenas obedecem; aqueles silenciados, espessos, imersos na sujeira da impotência: “*O que vive incomoda de vida / o silêncio, o sono, o corpo.*” (NETO, 1994, p. 114). São os servos da realidade, da cidade, do mangue, do rio.

No poema ora analisado, as afecções dos corpos que integram o Capibaribe são estruturadas na privação e, por isso, a potência dos seres apresenta-se severamente diminuída, uma vez que tais afetos atingem o corpo e os sentimentos ao mesmo tempo. Por essa razão, “os afectos-sentimentos” passam a representar “paixões da alma”: ideias confusas pelas quais “o espírito afirma uma força de existir do seu corpo maior ou menor do que antes” (DELEUZE, 2002, p. 56).

Percebemos, dessa maneira, que, nos versos cabralinos, não são vislumbradas possibilidades de respostas ou mesmo de reações provenientes do corpo quase embalsamado nas paixões tristes, nas paixões cujas forças são menores do que antes. A condição desumana parece absorver suas potencialidades, suas possibilidades de composição e, assim, ganham outra forma ou mesmo assumem deformidades:

Difícil é saber  
se aquele homem  
já não está  
mais aquém do homem;  
[...] capaz de ter a vida mastigada  
e não apenas dissolvida  
(naquela água macia  
que amolece seus ossos  
como amoleceu as pedras).  
(NETO, 1994, p. 110-111).

---

<sup>3</sup> Grafia do nome do filósofo de acordo com a tradução de Tomaz Tadeu, obra *Ética*, 2009.

A ideia de dissolução, presente nos versos citados - *que amolece seus ossos / como amoleceu as pedras* -, remete-nos, concretamente, à ideia de decomposição relacionada à diminuição de potências, conforme apontado por Espinosa (2009). *Ter a vida mastigada* suscita, justamente, o pensamento de que não foi considerada a natureza desses homens que estão “mais aquém do homem”. Não existe, nessas passagens, a possibilidade de esforço por conservar algo que tais homens não têm consciência, isto é, os versos parecem demonstrar que eles desconhecem a própria debilidade da existência: “*ao menos capaz de roer / os ossos do ofício; / capaz de sangrar / na praça; / capaz de gritar / se a moenda lhe mastiga o braço.*” (NETO, 1994, p. 110-111). Os *cães sem plumas* se desconhecem enquanto sujeitos. São homens sem percepção de si, pois sua capacidade de auto-identificação foi sequestrada pela ignorância, pela moenda do abuso do corpo, pela servidão. Estão coisificados, reduzidos à massificação do trabalho.

Nesse contexto, percebemos como o rio assume uma faceta cruel, de referencialidade de subjugação e de condenação. De acordo com Espinosa (2009), “cada um necessariamente apetece ou rejeita, pelas leis de sua natureza, aquilo que julga ser bom ou mau.” Como seria possível, então, apetece ou rejeitar, julgar o que é bom ou mau, já que estão ‘*mais aquém do homem*’? (SPINOZA, 2009, p. 170).

Adormecidos, os *homens caranguejos* parecem ser destinados a diminuir, exaustivamente, a potência de agir; parecem encarnar o *modus operandi* de decomposição na relação com os demais, com a cidade e com o rio. Entretanto, na lógica de um fluir denso, lento, lamacento, existe a revelação de um ato bem característico desses homens: o ato restrito à lei da sobrevivência.

Em *O cão sem plumas*, os atos dos homens do Capibaribe, em relação às águas frequentadas, conduzem à decomposição do homem ao estágio de lama, de rio lamacento – “*difícil é saber.../ [...] onde o homem, onde a pele / começa da lama; / onde começa o homem / naquele homem*” (NETO, 1994, p. 110) -, porém, num ir e vir de relações, o *homem-rio*, o *rio-homem* deságuam no mar. Dessa forma, compõem-se, no horizonte, a sobrevivência, a vida de cada dia, o resistir:

Espesso,  
porque é mais espessa  
a vida que se luta  
cada dia,  
o dia que se adquire  
cada dia  
(como uma ave

que vai cada segundo  
conquistando seu voo).  
(NETO, 1994, p. 116).

Nos versos de Cabral, esses homens, impotentes, representados por relações de decomposição, entregues à necessidade de sobrevivência, não nos impelem a conclusões relativas aos cuidados com o próprio ser. Para Espinosa (2009), “[...] não é pela necessidade de sua natureza, mas coagido por causas exteriores que alguém se recusa a se alimentar ou se suicida, o que pode ocorrer de muitas maneiras [...]” (SPINOZA, 2009, p. 170). Esse argumento teórico parte da ideia espinosista de que a impotência provém da falta de cuidado com a conservação do ser e de que esse descuido é oriundo de causas exteriores.

Algo de estagnação  
das árvores obesas  
pingando os mil açúcares  
das salas de jantar pernambucanas,  
por onde se veio arrastando.

(É nelas,  
mas de costas para o rio,  
que as grandes “famílias espirituais” da cidade  
chocam os ovos gordos  
de sua prosa.  
Na paz redonda das cozinhas,  
ei-las a revolver viciosamente  
seus caldeirões  
de preguiça viscosa.)  
(NETO, 1994, p. 107).

Por meio desse excerto, verificamos como o sistema colonial, na sociedade pernambucana, estrutura uma relação antagônica entre “as famílias espirituais” e os homens caranguejos - *Algo de estagnação / das árvores obesas / pingando os mil açúcares [...] - se for colocada, no foco de análise, a opulência viciosa das salas de jantar, que pingam açúcar, por meio do trabalho exaustivo daqueles que vivem à margem do rio Capibaribe. Tais famílias encontram-se de costas para o rio, chocando seus “ovos gordos”, cultuando “preguiça viscosa” e desmerecendo a subsistência de uma coletividade assolada pela miserabilidade. No entanto, também permanecem à mercê da estagnação que acomete o rio lodoso e respectivamente o domínio de seus casarões, de seus engenhos - “Na paz redonda das cozinhas / ei-las a revolver viciosamente / seus caldeirões da preguiça viscosa” (NETO, 1994, p. 107).*

Nesse sentido, o poema *O cão sem plumas* retrata homens arrastados por águas de exterioridades, advindas de mazelas sociais. As “salas de jantar”, as “cozinhas” nutrem, em seu interior, a doçura do cultivo da cana-de-açúcar em larga escala no nordeste brasileiro. Doçura esta que, pouco a pouco, se transformou em amargura provocada pela decadência dos engenhos (SANTOS, 2011). Nesse jogo entre doçura e amargura, podemos perceber a existência de corpos afetados numa relação de decomposição, os frutos espessos em naufrágio humano no *rio-personagem* que se mostra com “[...] a mesma força / invencível e anônima / de uma fruta / – trabalhando ainda seu açúcar / depois de cortada [...]” (NETO, 1994, p. 113).

### NAS ÁGUAS DAS PAIXÕES TRISTES

A análise dos versos do poema *O cão sem plumas*, a partir das proposições elaboradas por Espinosa (2009) sobre o conceito de paixões, conduziu-nos, no decorrer deste subtítulo, à caracterização do modo de vida existente nas margens do Capibaribe, ao destacarmos a relação entre o que, neste trabalho, apontamos como paixões tristes e as elucidações acerca do que denominamos como *imagem-palavra* rio.

À vista disso, levamos em consideração a perspectiva apregoada por Deleuze (2002), relativa às mencionadas paixões tristes, quando o referido estudioso realça a sua estreita ligação com os movimentos de diminuição de potência:

[...] quando encontramos um corpo exterior que não convém ao nosso (isto é, cuja relação não se compõe com a nossa), tudo ocorre como se a potência desse corpo se opusesse à nossa potência, operando uma subtração, uma fixação: dizemos nesse caso que a nossa potência de agir é diminuída ou impedida, e que as paixões correspondentes são de tristeza. (DELEUZE, 2002, p. 33).

Dessa forma, para introduzir esse enfoque analítico, vale ressaltar, de maneira específica: na obra *Ética* (2009), existe certo determinismo, em se tratando das conceituações acerca de Deus/Natureza, das necessidades universais, que acaba por fundamentar a análise da ilusão provocada, moralmente, sobre as escolhas, os desejos, sobre as atitudes. A esse respeito, Deleuze (2002) apresenta, no livro *Espinosa: filosofia prática*, o seguinte argumento:

As grandes teorias da Ética – unicidade da substância, univocidade dos

atributos, imanência, necessidade universal, paralelismo etc. – não são separáveis das três teses práticas acerca da consciência, dos valores e das paixões tristes. *Ética* é um livro simultaneamente escrito duas vezes: uma vez no fluxo contínuo das definições, proposições, demonstrações e corolários, que explanam os grandes temas especulativos com todos os rigores do raciocínio; outra, na cadeia quebrada dos escólios, linha vulcânica descontínua, segunda versão sob a primeira, que exprime todas as cóleras do coração [...]. (DELEUZE, 2002, p. 34-35).

Mediante tais ideias, Deleuze (2002) aponta para a exposição das “*teses práticas de denúncia e libertação*” apresentadas na obra *Ética*, de Espinosa. A partir disso, passamos a observar, na composição poética de Cabral, o tom denunciatório deflagrado na exploração das paixões tristes, na objetividade das escolhas lexicais relativas à exposição da *imagem-palavra* rio e suas conotações repletas de metáforas justificadas por demonstrações com visibilidade plástica: o rio “*abre-se numa flora suja e mais mendiga; jamais se abre em peixes; o rio carrega sua fecundidade pobre, grávido de terra negra*” (NETO, 1994).

Com isso, a *imagem-palavra* rio revela, nas estrofes de *O cão sem plumas*, o impacto das paixões tristes ao afetarem os homens do Capibaribe, determinando suas vidas num denso movimento de limitação e fatalidade – “*fluíam com as ondas / densas e mornas de uma cobra*”, fluíam “*nas geleias de terra; / ao parir / suas ilhas negras de terra*” (NETO, 1994).

Deleuze (2002), reportando-se à *Ética*, expõe, em relação às duas espécies básicas de afecções demonstradas por Espinosa (2009), que, enquanto as ações podem ter origem na natureza do indivíduo afetado, na sua essência, as paixões são resultantes de causas exteriores. Dessa maneira, o poder de ser afetado apresenta-se como potência para agir desde que seja perpassado por afecções ativas. Em contraposição, se perpassado por paixões, podemos concluir que o indivíduo foi afetado de maneira a apresentar potência para padecer.

Nesse sentido, percebemos que, na representatividade da *imagem-palavra* rio, o fluir espesso e lento dos homens retratados no poema *O cão sem plumas* indica o acometimento de paixões tristes, que parecem afetá-los a ponto de não apresentarem potências de agir. No Capibaribe, os homens descritos por Cabral entram em combate para sustentar a vida, são marcados pela submissão, pela inconsciência, perdem, pouco a pouco, a forma humana, são praticamente animalizados, são *cães sem plumas*.

Por que é na água do rio  
que eles se perdem  
(lentamente  
e sem dente).  
Ali se perdem

(como uma agulha não se perde).  
Ali se perdem [...] como se perde a água derramada:  
sem o dente seco  
com que de repente  
num homem se rompe  
o fio de homem.

(NETO, 1994, p. 109-110).

Com essa constatação de diminuição frequente da potência de agir daqueles que vivem do rio, pelo rio e para o rio, vale destacar: de acordo com Espinosa (2009, p. 139), todos os afetos são relacionados ou com os desejos, ou com as alegrias ou com as tristezas. Assim, nessa confluência torpe de potências diminuídas, ressaltamos alguns dos afetos - a soberba, a humildade, a ambição, o desprezo - que parecem gerar as paixões tristes sugeridas, no poema de João Cabral, pelas ressonâncias da *imagem-palavra* rio.

Quanto à soberba, podemos inferi-la, no texto analisado, a partir da definição espinosista que a considera como uma alegria que surge à medida que o “homem faz de si mesmo uma estimativa acima da justa” (SPINOZA, 2009, p. 116). Ao explorar a relação dos homens do Capibaribe com aqueles que vivem nos “*palácios cariados*”, percebemos o tom sarcástico de Cabral, no intuito de evidenciar a soberba dos que são privilegiados e, dessa forma, mais parecem rebaixar os demais, desconsiderando a(s) existência(s) que perpassam o *rio-personagem*: “(É nelas, / mas de costas para o rio, / que ‘as grandes famílias espirituais’ da cidade / chocam ovos gordos de sua prosa)” (NETO, 1994, p. 107). A soberba inspira a tristeza daqueles que dela não se aprazem, daqueles que são “*desdentados*”: *os cães sem plumas*.

Em relação à humildade, Espinosa (2009, p. 134) esclarece que se trata de uma tristeza acompanhada da ideia de debilidade. Os *cães sem plumas* têm “*barbas expostas*”, “*doloroso cabelo*”, seus “*horizontes cheiram a gasolina*”, fluem “*como um cão humilde e espesso*” (NETO, 1994).

Sobre a ambição, o filósofo Espinosa (2009, p. 120) expõe que esse desejo se refere à constituição de obstáculos recíprocos, em que haja o esforço de que todos aprovelem o que se ama ou se odeia. Em *O cão sem plumas*, tendo em vista a crítica cabralina, encontramos a ambição de maneira implícita nas entrelinhas dos versos destinados a escancarar certa intenção daqueles que desejam a aprovação coletiva da densa realidade às margens do rio Capibaribe, daqueles que, indiretamente ou diretamente, sujeitam os homens do mangue a condições adversas: “(É nelas, / mas de costas para o rio [...])”; (“Ele sabia também / dos

*grandes galpões da beira dos cais / (onde tudo / é imensa porta / sem portas) [...]*” (NETO, 1994).

Espinosa (2009) sugere que um indivíduo pode ser afetado pelo desprezo quando passa a pensar mais naquilo que o objeto não tem do que naquilo que ele tem (SPINOZA, 2009, p. 133). Além disso, o desprezo, para o mencionado filósofo, pode ser seguido de afetações referentes ao escárnio. No poema *O cão sem plumas*, João Cabral apresenta homens rebaixados pelo desprezo de uma sociedade desigual, que nutre miséria social e aparenta normalidade nos casarões urbanos: “(*[...] as grandes famílias espirituais’ da cidade... Na paz redonda das cozinhas, / ei-las a revolver viciosamente / seus caldeirões / de preguiça viscosa.*)” (NETO, 1994, p. 107).

A soberba e a humildade, a ambição e o desprezo coexistem nas relações do *rio-homem* e do *homem-rio*. Subjugados pela fatalística realidade do Capibaribe, homens perpassados por paixões tristes simulam convivências agudas, marcadas pela tenacidade dos impactos sociais no contexto pernambucano. O rebaixamento oriundo dessas afecções provoca, como no curso das águas do rio, a continuidade, a duração da(s) tristeza(s), porque “na referencialidade do rio e dos homens [...] há doída convivência. Convivência construída a partir de contrários, pois à umidade do rio se ajusta, ao invés de se contrapor, um (sub)mundo confinado ao campo semântico da *secura*” (SECCHIN, 1999, p. 75).

O rio, pouco a pouco, ganha discurso nos versos cabralinos, transforma-se em *rio-homem*, pois possui voz e vivência em seu fluir arrastado, possui um ciclo de experiências: não sabia da “*fonte cor-de-rosa*”, mas “*abre-se em flores pobres e negras*”, “ *cresce sem nunca explodir*”, “ *teme aquele mar*”, é “ *espesso porque é mais espessa a vida que se luta cada dia*” (NETO, 1994).

Nesse ciclo de personificações, foram relacionadas por João Cabral, na materialidade da linguagem utilizada, isto é, dos versos criados, metáforas justificadas por constantes comparações:

Aquele rio  
é espesso  
como o real mais espesso.  
Espesso  
por sua paisagem espessa,  
onde a fome  
estende seus batalhões de secretas  
e íntimas formigas.  
(NETO, 1994, p. 115).

Em *O cão sem plumas*, essa combinação entre metáforas seguidas de comparações - *Aquele rio é espesso / como o real mais espesso* -, oferece à simbologia de rio, estruturada por Cabral, a função de espelhar a sua própria condição e a condição da vida que não possui leveza. Nesse sentido, o *rio* silencia, é silenciado, já que ele e o homem, na lama, convivem, ou melhor dizendo, sobrevivem em um *locus* de impiedosa simbiose de degradação, pois os indivíduos ali presentes são praticamente animalizados - homens caranguejos - pela dura realidade, e a voz do rio, de modo personificado, repercute as mazelas do torpor social enraizado às suas margens.

Por isso, mediante criterioso e afiado labor poético, o referido poeta suscita, nos versos de *O cão sem plumas*, o refreamento da potência de agir dos homens do Capibaribe. Ademais, parece ser demonstrado, nas estrofes do poema, que a potência de pensar desses homens também foi refreada e diminuída.

Essa constatação levou-nos a outra: os homens do mangue, no cursar do rio Capibaribe, mantêm, como diria Espinosa (2009), ideias por ele caracterizadas como inadequadas, já que surgem como consequência das afecções que permeiam suas experiências e que os conduzem à passividade gerada por sentimentos inertes, ou seja, por paixões:

Um cão sem plumas  
é quando uma árvore sem voz.  
É quando de um pássaro  
suas raízes no ar.  
É quando a alguma coisa  
roem tão fundo  
até o que não tem).  
(NETO, 1994, p. 108).

Como passam a ter, na espessura das águas do Capibaribe, sua potência impedida, os *cães sem plumas*, os *homens caranguejos* tornam-se, ao modo espinosista, em os “sem virtude”, já que, para Espinosa (2009, p. 170), “a virtude é a própria potência humana.” As ideias inadequadas, ou a imaginação, estão ligadas, também, à falta de compreensão que os impele a realizar atos calcados em causas exteriores, ocasionando, dessa forma, o padecimento.

À medida que é determinado a agir porque tem ideias inadequadas, o homem padece (pela prop. 1 da P. 3), isto é (pelas def. 1 e 2 da P. 3), faz algo que não pode ser percebido exclusivamente por meio de sua essência, isto é (pela def. 8), que não se segue de sua própria virtude. (SPINOZA, 2009, p. 171).

O padecimento dos corpos no rio Capibaribe foi reforçado por Cabral, em estilo e versificação, de maneira a desnudar a noção de que, no poema *O cão sem plumas*, homens foram forjados na decomposição de suas relações, conforme já mencionado:

Na água do rio,  
lentamente,  
se vão perdendo  
em lama; numa lama  
que pouco a pouco  
também não pode falar:  
que pouco a pouco  
ganha os gestos defuntos  
da lama;  
o sangue de goma,  
o olho paralítico  
da lama.

(NETO, 1994, p. 110).

No padecimento, percebemos a degradação do ser (*gestos defuntos*), a ausência do discurso (*lama que pouco a pouco também não pode falar*), a estagnação (*olho paralítico*). Com isso não se notou a busca pelo que é útil à existência, o que ratifica, desse modo, a enlameada impotência:

Espesso  
como uma maçã é espessa.  
Como uma maçã  
é muito mais espessa  
se um homem a come  
do que se um homem a vê.  
Como é ainda mais espessa  
se a fome a come.  
Como é ainda mais espessa  
se não a pode comer  
a fome que a vê.

(NETO, 1994, p. 115).

A análise sobre as paixões tristes e suas relações com a *imagem-palavra* rio, no poema cabralino, revelou, na materialidade da composição poética, a fluidez quase nula daqueles que se transfiguram em temerosos: os que, “para evitar a morte, lançam suas riquezas ao mar.” (SPINOZA, 2009, p. 151). O *rio-personagem*, o *rio-homem* “*teme aquele mar / como um cachorro / teme a porta entretanto aberta, / como um mendigo, / a igreja aparentemente aberta.*” (NETO, 1994, p. 112).

O escravo – o *cão sem plumas* – relaciona-se com o tirano – sociedade dos “*palácios cariados, comidos*” de Pernambuco -, isto é, o homem das paixões tristes relaciona-se com aquele(s) que explora(m) tais paixões e decompõe-se nas águas de padecimento do rio Capibaribe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou analisar o poema *O cão sem plumas*, de João Cabral de Melo Neto (1994), a partir das proposições do livro *Ética*, de Espinosa (2009), aliando as noções sobre as afecções à possível relação de decomposição nas margens do rio Capibaribe, *o rio-personagem*; assim como descortinando as noções das paixões tristes na caracterização da vida dos *homens caranguejos* ao longo do percurso desse rio.

Tomando por base esses objetivos, tratamos de explorar a relação de decomposição a partir dos versos selecionados. Assim sendo, buscamos, conforme os ditames da filosofia prática, acenar para os efeitos da decomposição das condições humanas - representação poética das figuras degradadas no cenário do Capibaribe -, ao evidenciarmos a relação de impotência dos corpos daqueles considerados *cães sem plumas*.

Nesse jogo de composição de um rio que segue o seu percurso, mesmo diante da decomposição dos seres que vivem à sua volta, concluímos que há, segundo Espinosa (2009), nas entrelinhas do texto cabralino, o estabelecimento de relações coesivas entre os movimentos de composição e decomposição. Isso no sentido de composição dos donos dos “*palácios cariados*” desencadeada pela decomposição dos homens do mangue.

No que concerne às paixões tristes, chegamos à aguda constatação de um viver passivo, submisso, espesso, limitante, dedicado ao padecimento, destinado à inconsciência humana provocada pela formação de ideias inadequadas. Os versos de Cabral, analisados em *O cão sem plumas*, suscitaram a ideia de um quase repouso, uma lentidão espessa, reveladora das imagens de estagnação.

Deleuze (2011), em *Espinosa e as três éticas*, assim como João Cabral, faz uso de comparações relativas ao simbolismo de rio para caracterizar a obra *Ética*, de Espinosa: “É como um rio que ora se alarga, ora se divide em mil braços; às vezes ganha velocidade, outras desacelera, mas sempre afirmando a sua unidade radical” (DELEUZE, 2011, p. 177). Notamos, dessa maneira, que as proposições do livro *Ética*, tão bem articuladas em demonstrações, foram pensadas no sentido de evidenciar e valorizar os efeitos, evocar a

compreensão do experimentar com o corpo.

João Cabral, em *O cão sem plumas*, arquitetou seu poema, ofertando às suas estrofes uma lógica preenchida pela consistência, pela materialidade, pela concretude. O poeta ofertou limite à apresentação da palavra em cada verso, ao estabelecer uma métrica seca, burilada, objetiva (VILLAÇA, 2003). Entretanto, expandiu sentidos pela exploração da *imagem-palavra* rio, ao evocar, em versos, a antropomorfização do rio e a zoomorfização dos homens do mangue. Eis, nessa perspectiva, a sua ética para com a clareza da composição, para a apresentação da crítica pautada em uma visceral denúncia da miséria humana.

Segundo os dizeres de Deleuze (2011, p. 185-186), a *Ética* “é o discurso do conceito. É um sistema discursivo e dedutivo”. Seus escólios “denunciam os personagens que se ocultam por trás das nossas diminuições de potência”. Nesse contexto, a análise realizada neste estudo sugeriu o seguinte raciocínio: o poeta João Cabral, ao burilar a palavra - sua lâmina afiada -, como sugerido por Villaça (2003), apresentou, ironicamente, a partir de deduções causadas por metáforas seguidas de comparações, esses personagens que se ocultam por trás das diminuições dos *cães sem plumas*. Ao modo de Espinosa, que se dedicou a polir lentes, Cabral, no poema *O cão sem plumas*, ao apropriar-se de um estilo fecundo em visibilidade plástica, poliu esqueletos na palavra e pela palavra:

[...] como um poeta puro  
polindo esqueletos,  
como um roedor puro,  
um polícia puro  
elaborando esqueletos,  
o mar,  
com afã,  
está sempre outra vez levando  
ser puro esqueleto de areia.  
(NETO, 1994, p. 112).

A exposição cabralina retratou, na experimentação do léxico, imagens provenientes da realidade, ao fazer uso da metáfora do *cão sem plumas* inconsciente, impotente, diminuído na lama, sem dentes. Espinosa (2009), na *Ética*, apresentou um modo de uso do método geométrico que, de acordo com Deleuze (2011), foi estruturado “à maneira de um cão que procura, mais do que de um homem racional que expõe” (DELEUZE, 2011, p. 190).

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CARVALHAL, T. F. **Literatura comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006, 86 p.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 77-87.

DELEUZE, G. **Espinoza: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 144 p.

DELEUZE, G. Espinoza e as três éticas. In: **Crítica e clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011. p. 177-193.

NETO, J.C.M. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 103-116.

SPINOZA, B. **Ética**. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. 239 p.

SANTOS, A.P.S. Espelhos d'água: reflexos filosóficos em Rosa, reflexos sociológicos em Cabral. **Gnose em revista**. Barbacena, v. 1, n.1, p. 73-74, fev. 2011.

SECCHIN, A. C. **João Cabral: a poesia do menos e outros ensaios cabralinos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. 333 p.

VILLAÇA, A. Expansão e limite da poesia de João Cabral. In: BOSI, A. (Org). **Leitura de poesia**. São Paulo: Ática, 2003. p. 143-169.

*Recebido: 28/08/2020*  
*Aprovado: 20/01/2021*